

## DOSSIÊ TEMÁTICO DO 22º COLE – ENSAIOS

### CARTA A POETAS E ESCRITORES PLURAIS: DEVANEIOS A PARTIR DO DEVIR-OSTRA, DO DEVIR-MARGEM, DOS DEVIRES... DO DEVIR-POESIA

### LETTER TO POETS AND PLURAL WRITERS: DAYDREAMS BASED ON THE OYSTER-BECOMING, THE MARGIN-BECOMING, THE BECOMINGS... OF THE BECOMING-POETRY

### CARTA A POETAS Y ESCRITORES PLURALES: ENSOÑACIONES BASADAS EN EL DEVENIR OSTRA, EL DEVENIR MARGINAL, LOS DEVENIR... DE LA POESÍA DEVENIR

Eliane Aparecida Bacocina<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo, que se propõe em forma de ensaio, dialoga com os poetas e escritores contemporâneos sobre as formas possíveis de manifestação por meio da escrita e alguns de seus devires. Convite ao devir-poeta.

**Palavras-chave:** Escrita; linguagem poética; devir.

**Abstract:** This article, which is proposed in the form of an essay, dialogues with contemporary poets and writers about the possible forms of expression through writing and some of its becomings. Invitation to becoming-poet.

**Keywords:** Writing; poetic language; becoming.

**Resumen:** Este artículo, que se propone en forma de ensayo, dialoga con poetas y escritores contemporâneos sobre las posibles formas de expresión a través de la escritura y algunos de sus devenires. Invitación a convertirse en poeta.

**Palabras clave:** Escritura; lenguaje poético; devenir.

#### Introdução

O presente texto, que se propõe em forma de ensaio, dialoga com os poetas e escritores contemporâneos, a partir de autores como Deleuze (1997), Deleuze e Guattari (2003, 2012), Larrosa (2002, 2004, 2009), Rolnik (2011) sobre as formas possíveis de manifestação por meio da escrita e alguns de seus devires.

Devir... termo ligado ao vir-a-ser, ao inusitado, ao rizoma, ao acontecimento...

Os inspiradores para esse texto são poetas do litoral sul paulista, que foram participantes / protagonistas do processo de Doutorado da autora. Os poetas constituem o Sarau das Ostras, grupo que atua de maneira não formal com produção de poemas. Constitui-se de cinco integrantes escritores de poemas e tem como inspiração a ostra...

Primeiro devir. Elemento comum no litoral, diante das adversidades, resiste e produz a pérola, assim como o grupo que, como forma de resistência às intempéries sociais, produz poesia. Como se mostra uma escrita que se baseia no devir-ostra?

Os poetas, Ludimar, Fernandes, Nego Panda, RO3P e Abel se conheceram por meio de rodas poéticas, grupos de *rap* e eventos diversos e, a partir de processos diversos, passaram a se encontrar e apresentar seus textos em saraus, além de realizar produções coletivas.

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – câmpus Salto.

O segundo devir vem à superfície a partir das pistas deixadas pela denominação de um estilo anunciado pelo grupo: marginal. Estar em contato com essa possibilidade, permite seguir as margens. Para onde levam? Das margens da página, margens do rio, margens que se situam nas periferias, margens do pensamento poético, a escrita vai seguindo em direção a um mar de possibilidades... devires... Desvela-se, então, outra possibilidade de devir – o devir-poeta.

Qual o papel e o lugar da escrita poética? De que modo, por meio desta escrita, é possível reverberar travessias, fronteiras do pensamento?

O trabalho que se apresenta constitui-se, portanto, de um diálogo, que convida a aventurar-se e mergulhar na poética de uma escrita/ fala/ movimento das pessoas e textos que se entrelaçam nessa trama. Convida, portanto, a dialogar, com os poetas que participaram da pesquisa, com a pesquisadora, cuja trajetória se entrelaçou às dos poetas e com o próprio processo de autoria de textos, sejam eles escritos, imagéticos ou vivenciados.

Convites ao devir-poeta.

### **Carta a um poeta**

Saudações,

É a você, poeta, que direciono esta carta.

Não só aos que vão nascer, como faz Larrosa (2009), nem a um jovem poeta, como realiza Rilke (2013). Mas direciono a todos os leitores, aprendizes e poetas, de todos os tempos e todas as idades. E é a você, que vai abri-la, a quem a direciono, em especial. A você, que pode e poderá dialogar comigo, consigo mesmo (a) ou com os outros sobre as palavras que aqui deixo registradas. Palavras que são minhas, mas que também são de outros, de outros que ouvi dizer, que li, de outros com quem tive contato, e são também suas, para que faça delas o que achar que deve fazer. Até ignorar, ou jogá-las fora, se assim achar necessário.

Para aqui escrever, inspiro-me em cinco poetas, que conheço e com quem dialogo enquanto pesquisadora. Poetas que, por entre pedras e gavetas, escrevem sobre o mundo louco, que deixam pegadas na areia, que deixam suas rimas inteiras para todas as quebradas, que constroem ludicidades... Que defendem que o sonho dos guerreiros não morre, que juntos inventam o seu barato. Barato que é louco, mas que ainda dizem que o que fazem é pouco, que podem criar ainda mais...

A você, poeta, o que posso dizer? A você, poeta que lê diversos textos, que escreve poesia, seja ela em forma de poema, ou de prosa, ou de imagem... até mesmo de uma pesquisa acadêmica, e talvez nem tenha a intenção de fazer poesia. A você que escreve em diários, em cadernos em espiral, na tela do computador ou celular, em folhas soltas, ou em muros... ou até mesmo na areia... Você que guarda aquilo que escreve, ou que não permite que ninguém leia, ou que publica em livros, blogs ou redes sociais... ou que permite que o vento leve suas palavras, assim como as ondas do mar, que levam, mas que deixam... Deixam o quê? Sim, mesmo quando palavras se vão, quanto elas deixam?

Posso dizer que o que você escreve tem uma materialidade, um valor, um sentimento, que não importa quantos leitores sua escrita tenha, você escreve, deixa marcas e pegadas na terra firme ou na areia, ou em muros. E alguém, um dia, alguém que pode ser você mesmo (a), poderá ler suas palavras, linhas traçadas, e delas viver uma experiência singular. Provavelmente que tal experiência seja muito diversa daquela que você viveu ao escrevê-las. E pode ser que tais experiências sejam impossíveis de serem imaginadas hoje.

A você, leitor / leitora dessa carta, deixo uma pergunta, pergunta que também não sei como responder, mas que com você posso pensar: é possível pensar numa metodologia para a escrita poética? Ou numa metodologia de pesquisa sobre a criação poética?

Penso em Palomar (CALVINO, 1994), quando observa uma onda, buscando capturar um movimento que foge, penso nos construtores descritos por Kafka (2000), quando os diferentes

fragmentos se compõem, deixam lacunas e contam ou escondem histórias... Penso em como configurar ou cartografar os diferentes movimentos. Penso na construção de versos, no ritmo das palavras quando agrupadas, lidas, oralizadas...

Penso em RO3P, que me conta que escreve pequenos trechos de poemas e, num determinado momento, assim como na construção da muralha da China, senta-se junto aos pedaços de escrita anotados em folhas de papel e tenta compor um poema... poema que ganha ritmo, vira música, com a batida do rap. Mais ou menos como eu tento compor a escrita de um texto... acadêmico? poético? Enfim, um texto para apresentar como pesquisa de pós-graduação. Junto pedaços, fragmentos, de falas, escritas, poemas, citações de autores, pensamentos, relatos pessoais, devaneios... o quanto essa construção inventiva pode ser pensada enquanto procedimento metodológico?

Penso na linguagem. O quanto se pode dizer por meio dela? É possível a uma linguagem, seja ela acadêmica, poética, falante, dar conta de dizer aquilo que não se diz? Experiências, vozes, movimentos, sentimentos, sensações, luzes, escuridão, silêncio... como transformar coisas como essas em palavras, em linguagem?

Por fim, penso no construir “junto com”, no criar com o outro, compartilhar... partilhar... quantos espaços e lacunas isso deixa? Quanto tudo isso permite criar? Quantas muralhas de afinidades, de tensão, de estranhamento, de encontro, desencontros? Quantas pegadas na areia se desenham e se apagam? Quantas gavetas são abertas? Quantos baratos? Quantos devaneios?

Enfim, quantos devaneios nessa carta, leitor / leitora? Afinal, escrevi para você ou para mim mesma? Não tenho a intenção de que você entenda, apenas convido que leia... leia com sua voz, com sua poesia, com seus silêncios. Você, que a encontrou em alguma praia famosa ou isolada, e deve estar se perguntando: “Por que eu a ler essas palavras?”

Nesse momento, estou enrolando essas palavras aqui escritas numa garrafa e lançando-as ao mar. Nessa folha de papel, não colocarei local nem data. Nem um nome próprio. Assinarei apenas como

Uma certa aprendiz de pesquisadora, aprendiz de poeta.

### Primeiro devir: devir ostra

*Seria um movimento, o Movimento Sarau das Ostras.  
Mas acabou fechando no grupo. Às vezes o pessoal  
pergunta: “Mas você é do Sarau das Ostras?” Dá  
vontade de falar assim: “Não, você também é.”  
Fernandes: Claro. Porque você participa.  
Ludimar: Você é rapper. Então, você também é. Mas  
eles falam do Sarau das Ostras como sendo aquele  
grupo.  
(BACOCINA, 2017, p. 119)<sup>2</sup>*

Devir Sarau das Ostras.

Devir-ostra.

Território da ostra... que aparentemente se mantém fechada, mas se abre para receber a influência do ambiente.

E o grupo? Como se mantém?

Na casa de uma das protagonistas, em Praia Grande / SP, os diálogos acontecem. Três tardes de diálogos poéticos entre seis pessoas encantadas por poesia. Uma é pesquisadora e autora deste

<sup>2</sup> Transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas, 08/06/2013.

trabalho. Os demais, poetas. O que os diferencia? No momento dos diálogos praticamente nada. Embora uma pergunte, com curiosidade, e os demais respondam, todos sentem-se à vontade para perguntar uns aos outros, a complementar as histórias que são contadas... a compartilhar afetos...

Aquela que se apresenta como pesquisadora foi professora de dois dos protagonistas em um curso de Pedagogia do local onde estão situados, estabeleceu-se uma relação de admiração, amizade e curiosidade e, nas apresentações nas quais pôde acompanhar o trabalho do grupo, surgiu a proposta de pesquisa que aqui se apresenta. Aqui, de outro lugar, ela não mais ensina – aprende poesia.

Os poetas: Ludimar, Nego Panda, Poeta Fernandes, RO3P e Abel.

Foi Nego Panda que, com base nos saraus de literatura marginal periférica que acontecem nas periferias de São Paulo, dentre os quais se destaca a Cooperifa, que tem como principal representante o poeta Sérgio Vaz, decidiu organizar encontros em que tivessem lugar os poemas de literatura marginal.

Nego Panda: O Sarau das Ostras surgiu da ideia de fazer um sarau, um evento. A minha ideia era que ia acontecer, mas a gente não imaginava que assim em tão pouco tempo ia tomar o caminho que tomou.

Eliane: Foi ideia sua?

Nego Panda: Isso. Acerca do que já vinha acontecendo em São Paulo que a gente vem acompanhando e que é voltado pra literatura periférica. A intenção foi o que? Foi chamar alguns Mcs e o pessoal que fazia um rap e que o pessoal estivesse declamando suas letras em vez de cantar. Pra esse evento, foi estendido o convite pra n pessoas, diversas pessoas: Fernandes, Ludimar, Pelé, Abel...

Fernandes: Foi em 25 de junho de 2010.

Nego Panda: 2010. Só que eu fiz o convite e falei do sarau pro pessoal. Quando chegou o dia do sarau acharam que apenas eu que ia ficar declamando poesia. Então o pessoal foi chegando, tava tudo arrumadinho pro pessoal sentar, eu tava lá na frente esperando o pessoal, aí o pessoal foi chegando e sentando na arquibancada. E sentou a Dona Ludimar de espectadora, Fernandes, Abel, Pelé e eu em pé assim olhando e pensando: ‘O que eles tão fazendo ali?’

Aí comecei: ‘Vem pra cá, gente! Chega junto! Vamos! É, Dona Ludimar, você vai recitar também... Todo mundo aqui. É pra gente.’

Que a ideia não era um grupo fechado entre Panda, Fernandes, Ludimar, Abel e Pelé... É um sarau assim que a pessoa pudesse chegar e declamar. Só que o sarau foi acontecendo, teve outras edições e a gente convidava todo mundo e só aparecia o Panda, o Fernandes, a Ludimar, o Abel e o Pelé e a gente fazia outros e convidava as outras pessoas e sempre a gente ia indo... e aí o pessoal começou chamar a gente pra ir levar o Sarau das Ostras pros lugares e acabou que meio que involuntariamente...

Ludimar: Ficou no grupo, né?

Nego Panda: Ficou um grupo. É um projeto que se estende ao coletivo, mas que ao mesmo tempo ele tem uma característica de grupo, porque tá sempre reunindo as mesmas pessoas. Então muitas pessoas pensam que ele é um grupo...

Fernandes: A gente estendeu pra baixada toda. Em tese, a gente convidou todos da baixada que a gente achou que tinha uma relação com essa linguagem periférica. A ideia era essa: ser um sarau de linguagem periférica. E aí ele fez o convite. Só que aí o Brasil passou na copa, na fase anterior, passou e o sarau já tava marcado. Aí calhou de ser a data do jogo do Brasil. Eu acho que o primeiro, na verdade, até teve um boicote. Todos os demais participantes, não vieram as pessoas que a gente achou que viria, sobretudo pra se apresentar, por conta de ter havido jogo às 4h então o jogo foi até umas 5h30, 6 horas e o

sarau começava 6 horas. [...] A gente tem alguns convidados que a gente acaba arrastando, mas a base, como ele falou, talvez seja os 5, e é os 5 a base. Mas a gente não é fechado nos 5, a gente quer agregar mais porque quanto mais talvez mentes pensantes, e ritmos e gêneros, até de escrita acaba enriquecendo a gente. Porque você olha o que o cara ta fazendo ali: ‘Nossa! Ele fez uma ideia que eu gostaria de ter feito e fez melhor.’ E aí ela fala de um jeito e a gente cria essa expectativa. Então a questão do grupo, de ter criado um grupo partiu do inusitado. As pessoas começaram a chamar de ‘Ah, aqueles ali são do ‘Sarau das Ostras’ (BACOCINA, 2017, p. 119-121).

Fazer um sarau...  
O pessoal foi chegando...  
Sentando na arquibancada.  
Espectadores.  
Sarau em que a pessoa pudesse chegar e declamar.  
Projeto que se estende ao coletivo.  
Ter criado o grupo partiu do inusitado...  
Sobre o nome do grupo, Sarau das Ostras, Nego Panda conta que precisava apenas de um nome para registrar a atividade, num pequeno projeto.  
Nome do grupo.  
Que é um nome?  
Posso existir sem ter um nome?  
E um dia, pensando em como registrar o projeto, surgiu a ele que: “Nós estamos no litoral. No litoral tem ostra e a ostra tem pérola. A poesia é a nossa pérola”.  
Hoje faz parte de um folder que é distribuído pelo grupo nas apresentações:

O Sarau das Ostras nasceu da ideia que a ostra é um ser presente na natureza e que vive no mar, essência dos moradores do litoral. Por outro lado, também vemos a ostra, como motivo de cobiça, por parte de exploradores sem escrúpulos que visam somente o lucro, em busca das pérolas preciosas. Estas por sua vez, são reações do molusco a corpos estranhos que invadem seu organismo, assim, como vermes ou grãos de areia. Nós a nossa maneira, com o sentimento de reação contra tudo o que nos incomoda, produzimos versos, poemas e letras, muitas de protestos e de conscientização dos problemas de nossa sociedade, estas traduzem, veemente, o valor de nossas pérolas (SARAU das Ostras, 2016.)

Nas palavras de Fernandes:

Então, a gente estava indo pro terceiro evento e a gente tinha que expor no blog. [...] Cada qual tem seus trabalhos na arte na cultura e essas apresentações ou esses encontros são a parte. Aí eu falei: Cara, vamos fazer um blog, vou matutar uma definição pra ele... pérola... ostra... ostra, poesia... foi quando surgiu a ideia de falar que a pérola ela é a reação do molusco que absorve as impurezas do mar e quimicamente transforma na pérola que é cobiçada pelos exploradores, e talvez as nossas poesias também tenham esse caráter. A gente pega talvez as mazelas da sociedade, o que tem de ruim e com senso crítico a gente lapida, elabora, transforma numa pérola e é apreciado por muitos hoje, o que nos enche de orgulho. Talvez aquela definição ficou tarimbada e aceita e convencionou. Porque aí o que acontece: um falava uma coisa, outro falava outra, mas não definia. Convencionou, cada qual fala do seu jeito, mas virou

uma convenção de que a história é essa, a co-relação da pérola com a nossa poesia, da gente pegar o que tem de mal. E realmente, fui brincar com ostra, com essência do que tem no litoral. Lá eu dei uma fantasiada que é a abstração. A essência era só fazer a co-relação entre ostra e poesia e o tipo de poesia que a gente fazia.

Nego Panda: Pra que ficasse definido pras pessoas quando vissem no blog.

Fernandes: Porque o que mais acontecia era: ‘por que das ostras?’

Nego Panda: Todo evento. E a gente só falava assim, né... Porque a ostra tem a pérola e a poesia é a nossa pérola. E acabava por aí (BACOCINA, 2017, p. 123)<sup>3</sup>.

Definição científica...

Lampejo...

Pérola – reação do molusco.

Pegar as mazelas da sociedade.

Lapida, elabora, transforma numa pérola.

Brincar com a ostra.

Assim como Deleuze e Guattari trazem a questão do devir-escritor, escritor-feiticeiro: “Se o escritor é um feiticeiro é porque escrever é um devir, escrever é atravessado por estranhos devires que não são devires-escritor, mas devires-rato, devires-inseto, devires-lobo etc.”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 21).

E quando o devir do escritor feiticeiro é a ostra?

O que se pode dizer?

Devir-ostra...

Que mais dizem Deleuze e Guattari?

“O escritor é um feiticeiro porque vive o animal como a única população perante a qual ele é responsável de direito” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 22).

Escritor responsável pela ostra...

Relação de afecto com a ostra...

“Pois o afecto não é um sentimento pessoal, tampouco uma característica, ele é a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 22).

Potência de um grupo que, não em modo de filiação, mas de matilha, contagiado pela ostra, devir-animal, encontram atravessamentos entre poeta e ostra, poesia e pérola. Criam relações de afecto, afectados pelo movimento...

Poetas que se dedicam a escrever, embelezar, enfeitiçar o mundo com as palavras que deixam registradas...

Para cada um deles o nome do grupo tem um significado singular. Nem todos sabem colocar esse sentido em forma de palavras.

Porém, a ideia: “a poesia é a nossa pérola” permanece, assim como o objetivo de deixar registrada para o mundo a mensagem de transformação social que cada um traz consigo.

E eu, caminhante, continuo a brincar com a ostra...

Território da ostra...

Ostra que possui um território: o mar, mas que em seu movimento interno, mesmo que aparentemente fechada, permite-se uma abertura àquilo que habita o ambiente – areia, impurezas...

Seria a ostra “agredida” ou “invadida” pelas substâncias externas?

Não sei o que diriam os biólogos ou pesquisadores acadêmicos dos seres-ostras, mas aqui, em meu devir-poeta, permito-me pensar a partir da ideia dos poetas do Sarau. Poetizar com eles... em linhas movediças...

---

<sup>3</sup> Transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas, 19/10/2013.

“A língua tem de alcançar desvios femininos, animais, moleculares, e todo desvio é um devir mortal. Não há linha reta, nem nas coisas nem na linguagem. A sintaxe é o conjunto dos desvios necessários criados a cada vez para revelar a vida nas coisas” (DELEUZE, 1997, p. 12).

Ostra... que, territorializada, se (des)territorializa ao abrir-se às substâncias e impurezas e se (re)territorializa ao produzir a pérola.

Produção da pérola... movimento estético... movimento político...

Produzir algo novo frente aos obstáculos e dificuldades que se impõem.

Movimento que, por se tratar de um grupo, é também movimento coletivo...

Poetas que se encontram em meio aos desvios de suas rotas poéticas. Como se encontram?

Volto a Deleuze e Guattari:

O Universo não funciona por filiação. Nós só dizemos, portanto, que os animais são matilhas, e que as matilhas se formam, se desenvolvem e se transformam por contágio. Essas multiplicidades de termos heterogêneos, e de funcionamento de contágio, entram em certos agenciamentos e é neles que o homem opera seus desvios-animais. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 24).

Os autores referem-se, também, ao “anômalo”, que seria um adjetivo utilizado pelos feiticeiros, “para situar as posições do indivíduo excepcional na matilha” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 27).

Seriam os participantes do Sarau das Ostras “anômalos” que, em suas matilhas, se destacaram e, num devir-poético, se acolheram e criaram um grupo?

“Nem indivíduo, nem espécie, o que é o anômalo? É um fenômeno, mas um fenômeno de borda (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 28).

Fenômeno de borda...

Poesia de borda...

Poetas que desenvolvem práticas às quais denominam “marginais”. De onde vem essas práticas?

## **Segundo devir: marginal**

Escrever sobre bordas...

Bordas (im)possíveis.

Margens, Fronteiras, Pedacos de pensamentos.

Bordas litorâneas... Onde as ondas se movimentam... Onde vivem as ostras... seres que, mesmo fechados em conchas, se abrem... Transformam as impurezas em pérolas.

Bordas da cidade... Locais de passagem... de criação... de poetas....

Poetas que transcendem as fronteiras do lugar. Sarau das Ostras. Grupo que cria... Que diz sim. Que diz não. Poetas das margens.

Bordas da página... Margens do papel... Local onde se registra o que não cabe. Margens dos livros produzidos pelos poetas. Livros de poemas marginais... Trans-bordantes...

Nesse trecho do caminho, pensa-se sobre o modo como os poetas do grupo pesquisado se autodenominam: poetas marginais.

Pergunto: o que é ser marginal?

Leminski tem uma possível resposta – poética:

Marginal é quem escreve à margem,  
deixando branca a página  
para que a paisagem passe  
e deixe tudo claro à sua passagem.

Marginal, escrever na entrelinha,  
sem nunca saber direito  
quem veio primeiro,  
o ovo ou a galinha (LEMINSKI, 2002).

Margem... marginal... marginália... margear...  
Enquanto caminho, me coloco a imaginar...  
O que é uma margem?  
Que força ela tem?  
Penso sobre o que é a escrita marginal periférica e os processos de autoria envolvidos  
nessa produção.  
Poetas que se auto intitulam marginais.  
O que isso traz para pensar?  
Margem...  
Segundo o dicionário Michaelis:

margem  
mar.gem  
sf (lat margine) 1 Beira, riba, terreno que ladeia um rio ou corrente de água. 2Praia, litoral. 3 Cercadura, fímbria, orla. 4 Espaços sem letras de cada um dos lados de uma obra impressa ou manuscrita. 5 Leira de terra lavrada e compreendida entre dois sulcos. 6 Espaço livre de tempo ou de lugar. 7Tolerância: Margem de erro. 8 Ensejo, faculdade. 9 Bot Linha de contorno de um órgão vegetal, que pode ser lisa ou recortada. 10 Geogr Limite entre as águas marítimas, lacustres e fluviais, e a terra. 11 Econ Nas operações a termo em Bolsas de Valores, a parte do valor da operação que o comprador a termo deposita, como garantia contra eventuais não liquidações da operação contratada. M. de erro: número de erros que são aceitáveis num documento ou cálculo. M. de lucro: diferença entre o preço de venda e o preço de compra de uma mercadoria. M. de sementeira: o mesmo que leira. À margem de: fora de. Dar margem: dar ensejo, ocasião. Deitar ou lançar à margem: abandonar, desprezar.

Estar à margem...  
Margem do rio... litoral... limites... margem da página... os poetas estão à margem da cidade, nas periferias.  
Estão à margem? Fora de?  
E o que fazem com esse “fora”?  
A que isso dá margem?  
Margem de erro? Margem de lucro?  
Margem de pensamento... margem que permite criar... devanear...  
Na margem. Nem lá, Nem cá. Ou lá e cá? Aqui e acolá?  
Quando viajamos, às vezes, pegamos a marginal.  
Via que fica à margem de um rio e que dá acesso a diferentes lugares. Basta decidir em qual rua ou avenida se aventurar.  
Margem.  
Aqui estou... escrevendo palavras “nas margens”, rabiscos na folha de papel. Devaneios. Devanear sobre a margem do Grupo Sarau das Ostras.  
De Rio Claro a Praia Grande. Como chegar?  
Durante quatro anos trilhei esse trajeto de ônibus semanalmente. Atualmente, vez ou outra visito os amigos que conheci no litoral, ora a passeio, ora para as conversas poéticas.

O ônibus sai da rodoviária e toma, dentre outras rodovias, a Washington Luiz, a Anhanguera, a Bandeirantes, a Anchieta.

Passa por cidades que ficam à margem do Rio Tietê. Às vezes, entra no município de São Paulo, pela marginal do Rio Pinheiros. Outras vezes, atravessa o Rodoanel, passando também por diferentes rios. Desembarca próximo ao mar, com paradas nas cidades de Santos, São Vicente e Praia Grande.

Para, como o rio, desembocar no mar, passa pelas margens de diferentes rios.

Quantas vezes viajo envolvida em leituras, viajando por meio de livros que me prendem entre suas margens.

E olhando pelas bordas das janelas, eu sigo olhando as margens das cidades por onde o ônibus passa. Margens que carregam muros, favelas, pessoas, caminhantes... quantos escritos por entre esses cenários. Vidas escritas, inscrites.

O que há nessas margens, que despertam tanto a atenção de pessoas como eu?

O ônibus continua na pista. E eu sigo pistas... indícios... restos... inteiros... práticas... sujeitos...

Permito-me seguir, por entre as margens, marginais, para onde elas levarem as águas e palavras do meu pensamento.

*As margens do rio... Entre as margens. Entremargens*

Oco de pau que diz:  
Eu sou madeira, beira  
Boa, dá vau, triztriz  
Risca certa  
Meio a meio o rio ri  
Silencioso, sério  
Nosso pai não diz, diz:  
Risca terceira

Água da palavra  
Água calada, pura  
Água da palavra  
Água de rosa dura  
Proa da palavra  
Duro silêncio, nosso pai

Margem da palavra  
Entre as escuras duas  
Margens da palavra  
Clareira, luz madura  
Rosa da palavra  
Puro silêncio, nosso pai

Meio a meio o rio ri  
Por entre as árvores da vida  
O rio riu, ri  
Por sob a risca da canoa  
O rio riu, ri  
O que ninguém jamais olvida  
Ouvi, ouvi, ouvi  
A voz das águas

Asa da palavra  
Asa parada agora  
Casa da palavra  
Onde o silêncio mora  
Brasa da palavra  
A hora clara, nosso pai

Hora da palavra  
Quando não se diz nada  
Fora da palavra  
Quando mais dentro aflora  
Tora da palavra  
Rio, pau enorme, nosso pai  
(A TERCEIRA..., 1991)

O rio corre. Segue firme seu trajeto.  
Mas, o que há em sua margem?  
Objetos... detritos... mata...  
Mata ciliar... Quando devastada, o rio pode morrer... o rio seca? Ou transborda? Ou a natureza passa a agredir, destruir tudo à sua volta.  
O que é a força da margem de um rio?  
Dos cílios dos rios para os cílios dos olhos.  
Olhos que atravessam o enigmático conto de Guimarães Rosa (2005).  
Terceira margem do rio.  
Menino que vê o pai sair na canoa.  
Madeira, beira.  
Dá vau, triztriz.  
Vai e não volta. Não está mais. Mas está.  
Está nos momentos vividos, na comida que ele leva todos os dias escondido na margem do rio.  
Nas lembranças. Na saudade.  
No pensamento que sente falta.  
Na imaginação que leva a pensar sobre os motivos que levaram o pai a partir.  
No convite para ocupar seu lugar na canoa.  
Na coragem. No medo.  
No desconhecido.  
Desconhecido que está logo ali. E, ao mesmo tempo, não está.  
Terceira margem? Onde ela fica?  
Lugar ou não lugar?  
No tempo que passa – atemporal.  
Não existe mais. Mas existe. Onde está?  
De que forma? Qual sua materialidade?  
Da água do rio para a água da palavra... quanto há de força nessa palavra, que se encontra nesse “entremargens”?  
Asa da palavra.  
Para onde ela permite voar?  
Continuo a viagem...  
Para as margens.  
Margens das páginas dos livros de poemas  
Margem da cidade. Fronteiras.

Bordas do pensamento.

Canais para os sentimentos.

Das margens do rio para as margens da página. “Há quem passa a vida inteira lendo sem conseguir nunca ir mais além da leitura. Ficam presos à página, não entendem que as palavras são pedras postas atravessando a corrente de um rio. Se estão ali é para que possamos chegar a outra margem, a outra margem é o que importa”. (SARAMAGO, 2000).

O que se lê nas entremargens de um livro?

E o que se escreve à margem de uma página?

Às vezes, explicações do texto que se lê... outras ideias... o que o tempo faz pensar... símbolos... desenhos... pequenas garatujas... devaneios.

E o que seria uma escrita das margens? Em contato com os livros, é possível folhear, devanear, mergulhar...

Cinco poetas – livros ou poemas em livros / CD.

Conteúdo dos livros: afetos... formas de afetar-se diante de situações cotidianas.

Livros... versos livres... poemas di-versos...

\*\*\*

### *As margens da cidade... Fronteiras*

Margens...

Margens do rio...

Margens da página...

Onde moram os poetas?

Como pensar as margens da cidade?

Lugares de passagens?

O que dizer desse espaço localizado no entremeio, nas bordas de um lugar?

No momento em que começo a pensar sobre este tema, um livro me chega às mãos: *La analfabeta*, de Agota Kristof (2006), a história de uma estrangeira.

Escrito em espanhol, uma língua que não é aquela na qual fui alfabetizada, mas em um momento da minha vida, tive que aprender.

O que traz um estrangeiro?

Quantas histórias para contar?

Quantos saberes?

Quantos ouvem o estrangeiro?

Ouvir... sem impor sua verdade, mas saber do que ele viveu... do que ele traz... compreender um pouco da sua língua?

\*\*\*

O rio segue... passa por diferentes fases... trechos de águas calmas... trechos de águas revoltas, correnteza, desvios da correnteza... águas quietas, inquietas águas, águas turbulentas...

E eu, aqui, recordo-me de minha tarefa... continuo desafiando meu amigo Palomar.

Sigo com minhas pegadas em torno desse rio, ora observando... ora num barquinho, subindo e descendo por entre as margens, atravessando de uma margem a outra, me desestabilizando muitas vezes, junto às águas do rio. Em momentos, sigo pelas bordas, em outros, arrisco-me. Permito-me transbordar.

Passando por cachoeiras. Passando por diferentes paisagens.

Paisagens por entre muros rabiscados, paisagens onde há pessoas.  
Declamadores, espectadores, leitores, escritores...  
O rio vai seguindo seu caminho, e eu acompanho os movimentos, próximos do momento de ancorar. O mar se aproxima.  
Logo ali em frente estão as ondas. Ondas de poemas. Sarau. Ostras. Ondas de Ludimar, Nego Panda, Poeta Fernandes, RO3P e Abel.

### **Devir poesia – (trans)bordando pensamentos**

Poemas que não terminam...  
Textos que extrapolam as margens do papel...  
Palavras de protesto... vivências coletivas... experiências singulares...  
Pensamentos que não cabem.  
Verso que se ouve, que se diz, que se escreve, que se sente.  
Verso... Di-verso... Re-verso...  
Pensamentos de uma pesquisadora que pesquisa /poetiza... que se  
Encanta...  
    Encontra...  
        Des-encontra...  
            Des-territorializa...  
Politiza...  
Coletiviza...  
Em meio a participantes de pesquisa... alunos... amigos... Versos... Encantos...  
Que espaços essas práticas abriam para pensar um fazer pesquisa?  
Pesquisa poética...  
Pesquisa sobre a formação...  
Formação do leitor... da palavra e da vida.  
Ato dialógico. Criação humana.  
Pesquisa que ultrapassa a barreira das margens.  
Que traz à discussão a potencialidade e o exercício de transformação...  
Pesquisa que desperta o exercício do pensamento.  
E o pensamento, tem margem?  
Ampliando possibilidades, fazendo poesia, fica evidente que não.  
Olho em volta.  
Veja, Palomar. O rio não mais existe. Nem as margens.  
O movimento se amplia ainda mais.  
Parece-me que cheguei ao mar.  
Me ajuda a olhar?  
Tendo o mar como horizonte, o olhar é infinito.  
Por isso, poético.  
Na caminhada pela areia, encontro uma garrafa. E, nela, uma carta – Carta a um poeta,  
assinada por “Uma certa aprendiz de pesquisadora, aprendiz de poeta”.  
E a história recomeça. Novamente e de novo. Até o Infinito.

## Referências

- BACOCINA, Eliane Aparecida. *Ler, escrever e compartilhar poesia: práticas (DES) territorializadas, políticas, coletivas*. 2017, 210f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, 2017.
- CALVINO, Ítalo. Palomar na praia. In: CALVINO, I. *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 7-11.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 4. Trad. S. Rolnik. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- KAFKA, Franz. *A muralha da China*. Belo Horizonte: Itatiaia Vila Rica, 2000.
- KRISTOF, Ágota. *La analfabeta*. Barcelona: Ediciones Obelisco. 2006.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, jan./abr. 2002, p. 20-28.
- LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a educação*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LARROSA, Jorge. Carta a los lectores que van a nacer (con un prólogo que la justifica y un epílogo que la hace prescindible). *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, ano 27, n. 52, jun. 2009. p. 5-16.
- LEMINSKI, Paulo. Melhores poemas de Paulo Leminski: 1944-1989. In: GÓES, F.; MARINS, A. (Org.). *Melhores poemas de Paulo Leminski: 1944-1989*. 6. ed. São Paulo: Global, 2002.
- MICHAELIS Português (online). Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/margem>. Acesso em: 05 dez. 2015.
- RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Trad. P. Sussekind. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.
- ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 77-82.
- SARAMAGO, José. *A Caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SARAU das Ostras. 2016. Disponível em: <http://saraudasostras.blogspot.com.br/>. Acesso em 23 abr. 2016.

A TERCEIRA margem do rio. Intérprete: Caetano Veloso. Compositores: Caetano Veloso; Milton Nascimento. *In*: CIRCULADÔ. Intérprete: Caetano Veloso. Polygram, 1991. 1 CD, Faixa 9.

### **Sobre a autora**

**Eliane Aparecida Bacocina.** Doutora em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da UNESP – Rio Claro. Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFSP) – Câmpus Salto.

*E-mail:* [elianeab3@gmail.com](mailto:elianeab3@gmail.com).